The Making of Biblical Womanhood

A construção do suposto “papel bíblico da mulher”

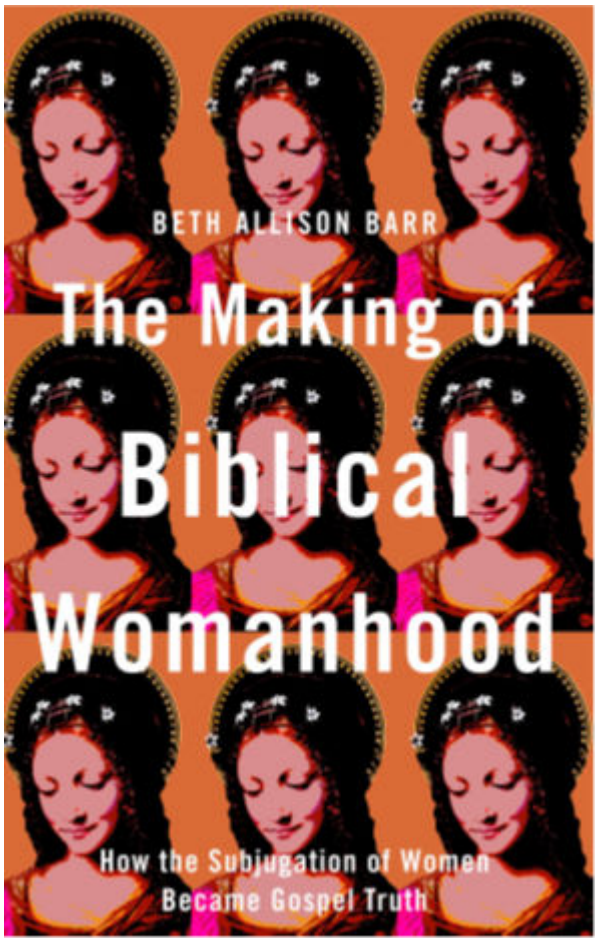
How the Subjugation of Women Became Gospel Truth

Como a sujeição da mulher se tornou verdade do evangelho

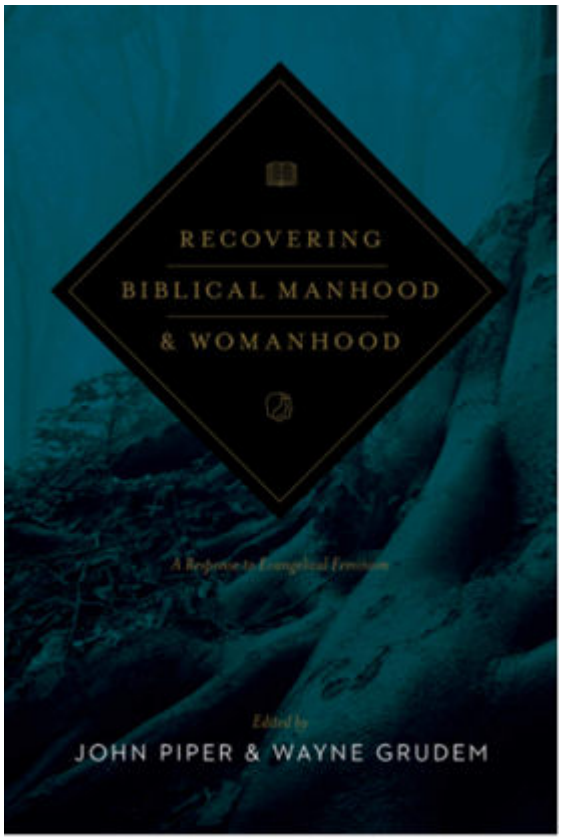
Autora: Beth Allison Barr, professora de História (especialidade: Idade Média) na Baylor University

Beth Allison Barr · tradução para o alemão de Hans-Jörg Ronsdorf · abril de 2021 · revisada em outubro de 2026

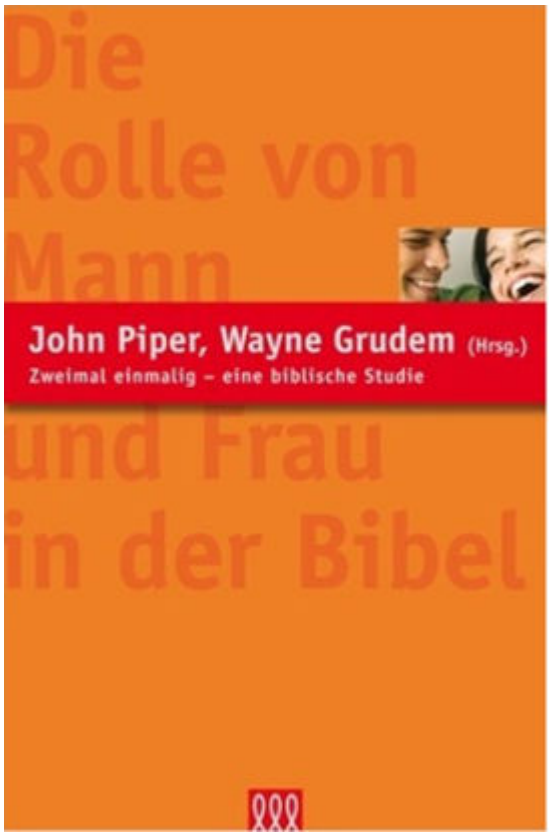
Este livro é uma das reações ao livro publicado nos EUA em 1991: Recovering Biblical Manhood & Womanhood. Ele defende uma compreensão explicitamente hierárquica dos papéis do homem e da mulher no casamento, na igreja e na sociedade. Desde 2008 está disponível também em alemão (veja abaixo). Os autores ou organizadores são Wayne Grudem (conhecido por sua “Teologia Sistemática”, disponível também em alemão) e o conhecido teólogo John Piper.



É uma reação a este livro:



Em alemão:



https://www.3lverlag.de/schnellbestellung/289-die-rolle-von-mann-und-frau-in-der-bibel.html

Conteúdo

Agradecimentos

Introdução

1. Os começos do patriarcado
2. E se o “papel bíblico da mulher” nem vem de Paulo?
3. Nossa memória medieval seletiva
4. O preço da Reforma para as mulheres evangélicas
5. O apagamento das mulheres da Bíblia inglesa
6. A santificação da submissão
7. Elevar o “papel bíblico da mulher” a verdade do evangelho
8. Não está na hora de libertar as mulheres?

Amostra de leitura: tradução do capítulo 2 (sem notas de rodapé)

E se o nosso “papel bíblico da mulher” não vem de Paulo?

“EU ODEIO PAULO!”

Não sei dizer quantas vezes ouvi isso dos meus alunos, em geral moças marcadas, ou até mesmo cheias de cicatrizes, pela forma como Paulo foi usado contra elas, quando lhes disseram que deviam ficar caladas (1 Coríntios 14), submeter-se aos maridos (Efésios 5), não ensinar nem exercer autoridade sobre homens (1 Timóteo 2) e trabalhar em casa (Tito 2). Ensinaram-lhes que Deus destinou as mulheres a seguir a liderança masculina (1 Coríntios 11) e a concentrar-se na família e no lar (Colossenses 3; 1 Pedro 3), e que outras ocupações além da família deviam ser secundárias para as mulheres, e, quando muito, na maioria das vezes por necessidade ou depois que os filhos tivessem saído de casa.

Há alguns anos, uma aluna veio ao meu escritório, supostamente para discutir seu trabalho acadêmico, mas logo ficou claro que o que ela realmente queria discutir era a sua vocação. Ela me perguntou: Deus chamou a senhora para ser ao mesmo tempo professora, mãe e esposa de pastor? Foi difícil? A senhora tinha peso na consciência por trabalhar fora de casa? Seu marido a apoiou? O que as pessoas da sua igreja pensavam? Ela falou da sua frustração como cristã com ambições profissionais, vinda de um ambiente conservador, que tentava conciliar as expectativas da igreja e da família com seus objetivos profissionais. Uma conversa que tivera recentemente com o pai a deixara irritada. Como estava preocupada com sua graduação, ela lhe pedira conselho. Ele tentou acalmar os temores dela dizendo que a escolha do curso não era tão importante, já que ela de qualquer forma se casaria e não trabalharia. Chocada, ela respondeu: “Pai, você está mesmo me mandando quatro anos para a faculdade para eu nunca usar o meu diploma?”

A atitude do pai em relação a mulheres que trabalham fora de casa não é atípica. Como vimos, um estudo da Barna de 2017 constatou que os americanos em geral se sentem cada vez mais à vontade com mulheres em papéis de liderança e têm mais compreensão dos obstáculos consideráveis que as mulheres enfrentam no ambiente de trabalho – mas os cristãos evangélicos estão ficando para trás. Talvez a

lacuna mais surpreendente na atitude evangélica diga respeito às mulheres em determinados papéis de liderança. Em 2016, comentei que a atitude de Wayne Grudem em relação às mulheres – de que elas nunca deveriam exercer autoridade sobre homens – tornava impossível para ele apoiar uma candidata à presidência. O estudo da Barna sugere que eu tinha razão. Os líderes evangélicos brancos como Grudem, que apoiaram a candidatura de Donald Trump à presidência, pertencem ao grupo que menos se sente à vontade com uma presidente mulher. Pelo menos para alguns eleitores evangélicos e republicanos (27–35 por cento), o problema com Hillary Clinton não era apenas que ela é democrata, mas também que é mulher (27 por cento dos eleitores evangélicos e 35 por cento dos eleitores republicanos declararam sentir-se pouco à vontade com uma mulher na presidência). Três anos depois, não me surpreendeu que a candidatura de Elizabeth Warren à presidência tenha caído sob a mesma guilhotina de gênero.

Ideias têm consequências. Essas convicções evangélicas – por que defendem a irrevogabilidade da submissão feminina – estão enraizadas na forma como interpretam Paulo. O Council on Biblical Manhood and Womanhood pode começar com Gênesis 2 em seu panorama do complementarismo[1], mas sua leitura dessa narrativa da criação vem de 1 Coríntios 11 e 1 Timóteo 2. As palavras de Paulo determinam cada aspecto dos ensinos complementaristas. Os evangélicos leem os textos paulinos como se eles determinassem diferenças de papéis permanentes e divinamente ordenadas entre os sexos. Os homens exercem uma autoridade que as mulheres não têm.

Os homens lideram, as mulheres seguem. Paulo nos diz isso.

É de admirar que meus alunos odeiem Paulo?

Mas e se lemos Paulo de forma errada? Nos primeiros anos do nosso trabalho com jovens, meu marido e eu levamos um grupo de adolescentes a uma conferência evangelística de fim de semana. Um dos palestrantes revelou sua arma secreta de evangelização – a pergunta: “E se você estiver errado?” Não me lembro de muita coisa daquela conferência, mas essa pergunta ficou comigo. Ela se mostrou útil no meu trabalho como historiadora – e se eu estiver errada nas minhas conclusões? Estou disposta a reconsiderar as evidências? Ela se mostrou útil para mim como professora, especialmente quando um aluno me apresenta uma ideia diferente. A pergunta “E se eu estiver errada?” me ajuda a ouvir melhor os outros. Ela me mantém humilde. Ela me torna uma estudiosa melhor.

Esta é, portanto, a minha pergunta aos evangélicos complementaristas: e se vocês estiverem errados? E se os evangélicos entenderam Paulo pela lente da cultura moderna, em vez de entendê-lo como Paulo queria ser entendido? O movimento evangélico teme que o reconhecimento da liderança feminina signifique curvar-se à pressão cultural. Mas e se a igreja estiver se curvando à pressão cultural justamente ao rejeitar a liderança feminina? E se a nossa interpretação de Paulo – e, em consequência, a exclusão das mulheres das funções de liderança – resultar, em vez de uma leitura “simples e natural”, do fato de nos adaptarmos às atitudes e aos padrões de pensamento ao nosso redor? Os cristãos do passado podem ter usado Paulo para excluir as mulheres da liderança, mas isso não significa que a submissão das mulheres seja bíblica. Significa apenas que os cristãos de hoje repetem o mesmo erro dos cristãos do passado – orientando nosso trato com as mulheres pelo mundo ao nosso redor, em vez de pelo mundo que Jesus nos mostra ser possível.

Assim, quando meus alunos dizem que “odeiam Paulo”, eu respondo: não é Paulo que eles odeiam; o que eles odeiam é a forma como as cartas de Paulo se tornaram a base de uma compreensão dos papéis bíblicos de gênero que oprime as mulheres. Beverly Roberts Gaventa, uma das principais estudio-

sas da pesquisa paulina, lamenta que os evangélicos tenham passado tanto tempo "vasculhando as linhas das cartas de Paulo em busca de afirmações teológicas e diretrizes éticas que precisam ser seguidas rigorosamente", que perdemos de vista o objetivo maior de Paulo. Reduzimos seu chamado à unidade à vigilância de fronteiras em nome da uniformidade; trocamos o "caráter radical" do corpo de Cristo por uma hierarquia rígida de gênero e poder. Em vez de "pensar junto com Paulo", como apela Gaventa, os evangélicos transformaram Paulo numa arma para nossas próprias guerras culturais. O estudioso do Novo Testamento Boykin Sanders declara que está na hora de entender Paulo corretamente no que diz respeito às mulheres. Em negrito, sob o título "Nem homem nem mulher", ele argumenta: "A lição para a igreja negra aqui é que a discriminação de gênero no trabalho da igreja é inaceitável." Paulo nos mostra que a discriminação de gênero é "um retorno aos caminhos do mundo", e nós somos chamados para o "novo mundo do evangelho do Cristo crucificado".

A verdade – a realidade evangélica – é que nos concentramos tanto em adaptar Paulo a nós mesmos que esquecemos de nos adaptar àquilo a que Paulo nos chama: ser um em Cristo. Em vez de escolher o melhor e abraçar o "novo mundo do evangelho do Cristo crucificado", decidimos continuar fazendo o que os seres humanos sempre fizeram: construir a nossa própria torre de hierarquia e poder.

Porque podemos ler Paulo de outra maneira

Um padre da Idade Média escreveu o meu sermão de casamento favorito. Não muitas pessoas conhecem o seu nome, embora Dorothy L. Sayers tenha roubado o meu coração ao citá-lo em seu clássico policial "The Nine Tailors" (em alemão "Die neun Schneider"; outro dos meus favoritos). Seu nome era John Mirk, e ele viveu no oeste da Inglaterra no fim do século XIV e começo do século XV. Sua coletânea de sermões, Festial, tornou-se popular na Inglaterra – tão popular que a primeira edição dos sermões protestantes oficiais, em 1547, foi escrita em parte para contrabalançar essa influência. Há indícios de que sermões do Festial foram impressos até às vésperas da Reforma e de que o Festial, apesar de sua doutrina católica, continuou sendo pregado durante todo o reinado da rainha Elizabeth I.

Ouça como, neste sermão do Festial, é descrita a relação conjugal entre marido e mulher: "Assim, segundo o mandamento de Deus, um homem deve tomar para si uma mulher da mesma idade, da mesma condição e do mesmo nascimento." O texto continua: "Por isso o homem deve deixar pai e mãe e ir para junto dela como para uma parte de si mesmo, e ela deve amá-lo e ele a ela, verdadeiramente um com o outro, e os dois devem ser uma só carne." O sermão não enfatiza a hierarquia, mas como marido e mulher devem amar-se "verdadeiramente um com o outro" e tornar-se "uma só carne". Quando o sacerdote abençoa o anel da mulher, ele explica que o anel "representa Deus, que não tem princípio nem fim, e o coloca no dedo dela, que tem uma veia que vai até o coração, para mostrar que ela deve amar a Deus acima de tudo e depois o seu marido". O anel proclama que a lealdade de uma mulher pertence primeiro a Deus e depois ao marido. Embora o sermão esteja repleto de passagens bíblicas e cite abundantemente Gênesis 1–3, bem como Mateus 22 e João 2, ele não cita Paulo. Não contém nenhuma referência a Efésios, Colossenses, Tito ou mesmo 1 Pedro – os escritos do Novo Testamento que, como se sabe, contêm a exortação às mulheres para que se sujeitem aos maridos. Essas passagens do Novo Testamento, conhecidas como "códigos domésticos"[2] (Efésios 5:21–6:9; Colossenses 3:18–4:1; 1 Pedro 2:18–3:7; Tito 2:1-10), dominam as discussões modernas sobre os papéis de gênero e lançaram a base para a alteração no acréscimo de 1998 à "Baptist Faith and Message", segundo a qual as esposas devem "submeter-se graciosamente" à autoridade dos maridos. Mas o sermão medieval de Mirk "dá muito pouco valor à submissão da mulher como base para uma boa

vida no casamento", constata a historiadora Christine Peters. Mirk não declara que a mulher deve obedecer ao marido. Na verdade, seu sermão enfatiza que Eva entrou em apuros justamente por amar demais o marido, e assim a aliança de casamento não é um símbolo de que a mulher pertence ao marido – ela é um lembrete para as esposas de colocar Deus em primeiro lugar.

Em minha pesquisa, descobri que nos sermões da Inglaterra do fim da Idade Média raramente se pregava sobre as passagens paulinas contra as quais meus alunos se rebelam. Essa é uma diferença séria em relação aos sermões no mundo evangélico moderno – e bastante surpreendente, considerando que o mundo medieval tendia tanto ao patriarcado quanto o mundo antigo e o nosso mundo moderno (mais sobre isso no próximo capítulo). É também uma diferença séria em relação ao que nos ensinaram sobre os escritos de Paulo acerca das mulheres – que eles foram usados ao longo de toda a história cristã, como um fio condutor contínuo, para sustentar o plano de Deus de que os homens devem liderar e as mulheres seguir.

Isso simplesmente não é verdade. Tome, por exemplo, o catolicismo. Os evangélicos parecem pensar: como a tradição católica não ordena mulheres, ela também deve recorrer a Paulo para sustentar a condição de cabeça do homem no casamento. Não é assim, ou pelo menos não de forma consistente. O estudioso da religião Daniel Cere explica: "Na tradição católica nunca houve uma tradição de ensino formal que defendesse a submissão [conjugal]". O historiador medievalista Alcuin Blamires descreve "paradoxos torturantes" (tanto práticos quanto bíblicos) que perseguiam os ensinos católicos medievais sobre gênero, autoridade e o corpo de Cristo. Por exemplo, como os maridos pecavam, muitas vezes se mostravam maus líderes para suas esposas – e com isso, para os pregadores medievais, borravam a "linha de base" da autoridade masculina. Como argumentava um texto do início do século XV, uma mulher não devia seguir cegamente o marido, porque – como se diz no sermão de casamento de Mirk – devia lealdade primeiro a Jesus como seu "marido mais importante". Para as mulheres medievais, Jesus como cabeça podia sobrepor-se à autoridade do marido; às vezes as mulheres podiam até assumir a liderança. Pedro Abelardo, um famoso escolástico do século XII, discute a história bíblica da mulher que unge Jesus com óleo (Mateus 26:6-13; Marcos 14:3-9; Lucas 7:37-50). Abelardo escreve que, quando "a mulher, e não o homem, está ligada à cabeça de Cristo", ela "de fato o institui como 'Cristo'". Ao permitir que uma mulher o unja com óleo, Jesus anula a supremacia masculina – permite que uma mulher faça o que até então só os homens podiam fazer: ungir o rei. Blamires descreve o argumento de Abelardo como "um deslocamento surpreendente da relação convencional entre os sexos, de corpo como feminino e cabeça como masculina". A unção de Jesus pela mulher é, para Abelardo, uma "atribuição de nome", escreve Blamires. "É esta mulher que unge o Santo dos Santos como o Cristo." Eu poderia dizer muito mais, mas o ponto é este: apesar da obsessão evangélica com a condição de cabeça do homem, os cristãos do passado e do presente têm estado menos seguros disso. A postura do papa João Paulo II em sua carta apostólica de 1988 ("Mulieris dignitatem") é um bom exemplo disso. Ele sugere que usar os escritos de Paulo em Efésios 5 para justificar a supremacia masculina e a submissão feminina no casamento seria o mesmo que usar essas passagens para justificar a escravidão.

Porque Paulo nunca teve a intenção de enfatizar a submissão das esposas

Falemos, então, da submissão das esposas, uma ideia que os evangélicos derivam dos códigos domésticos do Novo Testamento. Como vimos, o contexto histórico indica que a submissão das esposas não era o objetivo dos escritos de Paulo, nem mesmo nos códigos domésticos. E se Paulo não incluiu os có-

digos domésticos para prescrever aos cristãos como deviam seguir a hierarquia de gênero do Império Romano, mas para ensiná-los a viver de modo diferente em seu ambiente romano? E se os códigos domésticos pudessem ser lidos não como "textos de terror" do Novo Testamento para as mulheres, mas como resistência ao patriarcado romano?

Tomados ao pé da letra (como "interpretação simples e literal"), os códigos domésticos parecem santificar a estrutura patriarcal romana: a autoridade do paterfamilias (marido/pai) sobre mulheres, filhos e escravos. O texto de Colossenses 3 mostra isso bem: "Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como convém no Senhor. Vós, maridos, amai vossas mulheres e não sejais ásperos com elas. Vós, filhos, obedecei a vossos pais em tudo, pois isso é agradável no Senhor. Vós, pais, não irriteis vossos filhos, para que não percam o ânimo.

Vós, servos, obedecei em tudo a vossos senhores segundo a carne, não servindo só à vista, como quem quer agradar a homens, mas com simplicidade de coração, temendo o Senhor" (Colossenses 3:18-22).

Caso você não saiba muito sobre o patriarcado romano: a tutela masculina era lei romana. As esposas tinham de se submeter legalmente à autoridade dos maridos; as mulheres solteiras tinham de se submeter à autoridade dos pais ou do parente masculino mais próximo; as mulheres não podiam possuir propriedades nem conduzir negócios de forma independente; as mulheres não podiam realizar transações jurídicas ou financeiras sem que um homem agisse em seu nome. Dessa perspectiva histórica, não é surpreendente encontrar em textos romanos do século I (o Novo Testamento) discussões sobre esposas que refletem a realidade de vida das esposas no mundo romano do século I. A instrução, adotada por Paulo, de que as mulheres devem ser sujeitas aos maridos é exatamente o que o mundo romano teria esperado.

Nós, como evangélicos modernos, simplesmente não entendemos isso.

Paulo não disse aos primeiros cristãos que deviam ser como todos os outros; ele lhes disse que, como cristãos, precisavam ser diferentes. Rachel Held Evans descreve os códigos domésticos cristãos como um "remix de Jesus" do patriarcado romano. A pesquisa sugere que o termo remix oferece uma boa descrição. As estudiosas do Novo Testamento Carolyn Osiek e Margaret MacDonald argumentam, por exemplo, que os ensinos éticos inseridos no código doméstico de Efésios são tão "contrários" ao mundo greco-romano que, em vez de serem um sinal de adaptação, "o código doméstico é apresentado como aquilo que, em última análise, distingue os crentes". Lidos corretamente, os códigos domésticos não libertam apenas as mulheres, como escreve Shi-Min Lu, mas libertam todos os membros da casa dos "elementos opressivos" do mundo romano. Paulo não impôs o patriarcado romano aos cristãos; Paulo usou um remix de Jesus para dizer aos cristãos como o evangelho os liberta.

Vejamos, então, o remix de Jesus de duas passagens semelhantes de códigos domésticos em Paulo:

[Colossenses 3:18-19] ***Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como convém no Senhor. Vós, maridos, amai vossas mulheres e não sejais ásperos com elas.***

[Efésios 5:21-22, 25, 28, 33] ***Submetendo-vos uns aos outros no temor de Cristo. Vós, mulheres, submetei-vos a vossos próprios maridos, como ao Senhor.*** … ***Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, … Assim também os maridos devem amar suas mulheres como a seus próprios corpos. … Entretanto, também vós, cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo; e a mulher, que tema o marido.***

Como cristãos modernos, ouvimos imediatamente autoridade masculina. Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos. Mas os primeiros ouvintes de Paulo, cristãos do século I, teriam ouvido imediatamente o contrário. Vós, maridos, amai vossas mulheres e nunca as trateis com aspereza. Vós, maridos, amai vossas mulheres, assim como Cristo amou a igreja e se entregou por ela. O foco dos códigos domésticos cristãos hoje já não é o mesmo que no mundo romano.

Tomemos, por exemplo, o filósofo Aristóteles, do século IV a.C. Em sua "Política", Aristóteles escreveu o que viria a se tornar um dos textos de código doméstico mais influentes da cultura ocidental. Ouça o que ele disse:

Da administração da casa vimos que há três partes – uma é o governo de um senhor sobre escravos …, outra a de um pai, e a terceira a de um marido. Um marido e pai, como vimos, governa sobre a mulher e os filhos, ambos livres, mas o governo é diferente: o governo sobre os filhos é régio, sobre a mulher é um governo constitucional. Pois, ainda que possa haver exceções à ordem da natureza, o homem é por natureza mais apto para governar do que a mulher. … A desigualdade [entre homem e mulher] é permanente. … A coragem de um homem se mostra em mandar, a de uma mulher em obedecer. … Todas as classes devem ser consideradas como dotadas de suas qualidades particulares; como diz o poeta a respeito das mulheres: "O silêncio é a glória da mulher, mas não é da mesma forma a glória do homem."

Você percebe as diferenças? Aristóteles escreve especificamente aos homens sobre como eles devem governar e por que têm o direito de governar. Ele não inclui os subordinados na conversa. A administração da casa é domínio do homem romano – como senhor, pai e marido. A palavra é dirigida apenas aos homens.

Em contraste, os códigos domésticos cristãos se dirigem a todas as pessoas da igreja doméstica – homens, mulheres, crianças e escravos. Cada um está incluído na conversa. A teóloga Lucy Peppiatt escreve que essa é a "chave" para a subversão cristã do patriarcado romano. Como os códigos domésticos cristãos se dirigem a todos os membros da casa romana, em vez de pressuporem a tutela do chefe masculino, "eles contêm em si a reviravolta das posições habituais concedidas a homens, mulheres, escravos e crianças, e das expectativas que lhes são impostas". Em vez de conferir autoridade a um homem que fala e age pelas pessoas de sua casa, os códigos domésticos cristãos oferecem a cada membro da comunidade doméstica – unida pela fé em Cristo – o direito de ouvir e agir por si mesmo. Essa é uma diferença radical em relação à estrutura patriarcal romana. A estrutura cristã da igreja doméstica resiste ao mundo patriarcal do Império Romano.

Porque Paulo não tinha a intenção de destacar a autoridade masculina

A maneira como os códigos domésticos cristãos configuram a autoridade masculina também pode ser lida como uma contradição ao patriarcado romano. Aristóteles escreveu para justificar a autoridade masculina. Ele enfatizou a desigualdade permanente entre homens e mulheres: a natureza do homem é mandar, enquanto a natureza da mulher é obedecer. Os códigos domésticos cristãos fazem algo diferente. Em Colossenses 3, Paulo abre suas instruções sobre a casa com um apelo dirigido primeiro às esposas – não ao homem, que presumivelmente dá as ordens (como faz Aristóteles). Tanto Peppiatt quanto Scot McKnight enfatizam que Paulo não destaca o poder e a autoridade do homem. Em vez disso, Paulo enfatiza que as esposas devem submeter-se como convém no Senhor (não porque sejam inferiores), e que os maridos devem amar suas esposas e não tratá-las com aspereza. "Em vez de fun-

damentar a instrução à mulher na autoridade, no poder, na liderança ou no status de seu marido numa hierarquia", escreve McKnight, "a fundamentação é radicalmente diferente: ela está fundamentada no modo de vida do Senhor." Jesus, e não o ***paterfamilias*** romano, tem a liderança da casa cristã.

Da mesma forma, Efésios 5 pode ser lido como resistência ao patriarcado romano. Muitos estudiosos argumentam que Paulo subordina toda a sua discussão dos códigos domésticos ao versículo 21: "Sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo." Quando se lê esse versículo no início do código doméstico de Efésios, ele muda tudo. Sim, as esposas devem submeter-se, mas também os maridos. Em vez de enfatizar a inferioridade das mulheres, Efésios 5 sublinha a igualdade das mulheres – elas são chamadas no versículo 22 a submeter-se, assim como seus maridos são chamados no versículo 21 a submeter-se. Em vez de tornar os cristãos apenas mais uma parte da massa romana (onde se enfatiza a submissão feminina), a submissão mútua no versículo 21 é "característica de um modo de vida que distingue os crentes do mundo incrédulo".

Por causa de suas implicações radicais, o versículo 21 precisa ser separado do versículo 22 nas traduções da Bíblia que querem manter a visão complementarista (hierárquica).[3] A English Standard Version (ESV) coloca o versículo 21 no fim da seção que os tradutores intitularam "Walk in Love". Isso separa o versículo 21 do início da seção seguinte, com o título "Esposas e maridos", que então começa com o versículo 22: "Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor." Desse modo, a ESV opta por destacar a submissão feminina no versículo 22 e a separa literalmente da subversão do patriarcado romano por Paulo no versículo 21.

O que os tradutores da ESV fizeram em Efésios 5 me lembra uma crítica do arqueólogo Ian Morris aos homens atenienses na Grécia clássica. Não é por acaso, escreve Morris, que os arqueólogos encontram poucas evidências materiais das mulheres na Atenas antiga. "Mulheres e escravos permanecem invisíveis", mas isso não se deve a "problemas metodológicos" ou à atribuição errada de evidências por parte dos estudiosos. A "cultura cívica masculina extraordinariamente abrangente" da cidade-estado grega não só subjugava as mulheres, mas controlava tão bem os espaços em que as mulheres viviam que restaram poucos vestígios delas. As mulheres permanecem invisíveis porque "os cidadãos homens de Atenas assim o queriam". A sujeição das mulheres é destacada na tradução da ESV de Efésios 5, e a exortação aos maridos para que se submetam é minimizada – não porque Paulo quis dizer isso, mas porque os tradutores complementaristas da ESV assim o quiseram.

Efésios 5:21 não é a única inversão radical do patriarcado romano neste capítulo. Paulo também exige que os maridos amem suas esposas como amam o próprio corpo. Você sabia que no mundo greco-romano o corpo feminino era visto como um corpo masculino imperfeito e deformado? Em seu escrito "Sobre a geração dos animais", Aristóteles escreve que "o ser feminino é como que um masculino deformado" e que, "como a natureza feminina é mais fraca e mais fria … devemos considerar a condição feminina como uma espécie de deformidade". As mulheres eram literalmente monstros. Naturalmente, Aristóteles admitia que a deformidade feminina era um fenômeno "regular" e útil. Galeno, no século II d.C., também declarou as mulheres homens imperfeitos, aos quais faltava o calor para empurrar seus órgãos sexuais para fora. Mas, como Aristóteles, ele admitia que era bom haver homens deformados, porque de outro modo a reprodução teria sido impossível.

Em contraste, Paulo não demonstra nada desse desprezo pelo corpo feminino. Ele proclama que os corpos masculinos não são mais valiosos nem mais dignos do que os corpos femininos. As mulheres, como os homens, podem ser "santas e sem defeito", e os homens devem amar o corpo feminino assim como amam o seu próprio corpo masculino (Efésios 5:27-29). Conto aos meus alunos com que facili-

dade um estudo de Paulo refuta a afirmação de John Piper de que o cristianismo tem uma "marca masculina". Poderíamos pensar que Paulo se gloriaria de sua autoridade masculina, mas ele não faz isso. Como Beverly Roberts Gaventa descobriu, Paulo usa sete vezes em suas cartas imagens maternas para descrever sua relação com as igrejas que ajudou a fundar. "Estatisticamente, isso significa que Paulo usa imagens maternas com mais frequência do que paternas, o que é impressionante, especialmente se considerarmos que elas praticamente não aparecem na maioria das discussões sobre as cartas paulinas." Paulo descreve a si mesmo – um apóstolo homem – como mãe grávida, como mãe em trabalho de parto e até como mãe que amamenta.

Paulo não só considera valioso o corpo feminino; ele também está disposto a "abrir mão da autoridade de um patriarca em favor de um papel que lhe trará vergonha, a vergonha de um homem identificado com o feminino". Que bela, que radical é a mensagem de Paulo! Nem consigo imaginar como suas palavras devem ter sido bem-vindas para as mulheres nas igrejas do século I. O que tornava fraco o corpo feminino no mundo romano o tornava forte nos escritos de Paulo. Ao assumir a figura literária de uma mulher, Paulo encarnou a afirmação radical de suas próprias palavras em Gálatas 3:28, de que em Cristo "não há mais homem e mulher".

Os cristãos medievais retomaram a linguagem materna de Paulo de um modo como os cristãos modernos não o fazem. Gaventa constata que poucos estudiosos modernos prestaram atenção à surpreendente linguagem materna de Paulo. Em contraste, a historiadora Caroline Walker Bynum ficou tão impressionada com a frequência da linguagem materna usada por clérigos homens no século XII que escreveu o estudo pioneiro Jesus as Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages. "A pergunta que eu gostaria de fazer", escreve ela, "é por que o uso de imagens maternas explícitas e detalhadas para descrever Deus e Cristo, que normalmente são descritos como masculinos, é tão popular entre os monges cistercienses do século XII." Ela identifica Anselmo de Cantuária, um monge beneditino de atitude bastante patriarcal em relação às mulheres, como um dos primeiros clérigos medievais a retomar a linguagem materna de Paulo. Em clara referência aos escritos de Paulo em 1 Tessalonicenses 2:7 e Gálatas 4:19, Anselmo escreve: "Tu [Paulo] és entre os cristãos como uma ama que não só cuida de seus filhos, mas também, pelo cuidado de seu amor maravilhoso, os dá à luz uma segunda vez." Só porque os evangélicos modernos deixam passar o uso radical de imagens maternas por Paulo, isso não significa que elas não existam. Significa apenas que, mais uma vez, entendemos Paulo de forma errada.

Porque a preocupação de Paulo não era a hierarquia de gênero romana

Outra evidência que me convence de que os códigos domésticos devem ser lidos como uma espécie de resistência ao patriarcado romano é a maneira como os primeiros cristãos eram vistos pelo mundo romano: como "desviantes de gênero". Osiek e MacDonald nos lembram que Plínio, o Jovem, depois de tratar da tortura de duas mulheres cristãs, que ele chamava de diaconisas, qualificou o cristianismo de "superstição depravada e desmedida". Elas escrevem: "Ao chamar a atenção para um tipo de liderança feminina no grupo – excluindo referências a líderes masculinos –, Plínio insinuava que os ideais de masculinidade estavam ameaçados. As mulheres tinham o controle." E isso, do ponto de vista romano, era vergonhoso. Os primeiros cristãos não só colocavam mulheres em funções de liderança; eles também se reuniam em pé de igualdade – homens, mulheres, crianças e escravos – na privacidade da casa, um espaço tradicionalmente feminino. O cristianismo era desviante da norma e imoral, porque

era visto como uma subversão dos ideais da masculinidade romana. O cristianismo era repugnante para Plínio porque não se atinha aos códigos domésticos romanos – não porque os seguisse.

Para muitos cristãos modernos, os códigos domésticos são aquilo que nos distingue do mundo. Enquanto o feminismo, como muitos acreditam, se enfurece caoticamente ao nosso redor, a igreja evangélica está de pé como uma árvore bem cuidada, plantada junto a ribeiros de águas – firme e serena, com uma hierarquia de galhos. De fato, é assim que John Piper e Wayne Grudem o formulam em Recovering Biblical Manhood and Womanhood. Na introdução, escrevem: "Queremos ajudar os cristãos a recuperar uma visão sublime da masculinidade e da feminilidade como Deus as criou. … Esperamos que essa nova visão – uma visão da 'complementaridade' bíblica – corrija os erros anteriores e evite também os erros opostos que resultam da diluição feminista das diferenças entre os sexos dadas por Deus." Só que o mundo de Paulo, no século I, não teria visto a hierarquia de gênero romana como uma "nova visão". A estrutura patriarcal romana, que se reflete nos códigos domésticos de Paulo, não era a "nova visão". ***O reconhecimento do poder do paterfamilias era aquilo que o mundo romano já fazia. O patriarcado não era algo que tornava os cristãos diferentes; era algo que os tornava iguais a todos os outros.***

Os códigos domésticos do Novo Testamento contam uma história sobre como a igreja primitiva tentava viver num mundo não cristão e cada vez mais hostil. Eles precisavam se encaixar, mas também precisavam sustentar o evangelho de Cristo. Precisavam manter, tanto quanto possível, o quadro do patriarcado romano, mas também precisavam sustentar o valor e a dignidade de cada ser humano criado à imagem de Deus. Paulo lhes deu as plantas para um remix do patriarcado romano. Em vez de se dirigirem aos homens como a autoridade primária, os códigos domésticos cristãos incluem todos na conversa. Em vez de justificar a autoridade masculina com a inferioridade feminina, os códigos domésticos cristãos confirmam as mulheres como iguais em valor aos homens. Em vez de se concentrarem na submissão da esposa (isso todos faziam), os códigos domésticos cristãos exigem que o marido faça exatamente o contrário do que a lei romana permitia: sacrificar sua vida por sua esposa, em vez de exercer poder sobre a vida dela. Essa, escreve Peppiatt, é a "revolução cristã". É isso que distingue os cristãos do mundo ao nosso redor.

Será que entendemos Paulo exatamente às avessas? ***E se o foco dele nunca esteve no homem como cabeça e na submissão da mulher? E se a sua visão foi maior do que imaginamos? E se Paulo, em vez de copiar uma hierarquia de gênero antiga, quis nos mostrar como o evangelho cristão liberta até mesmo a casa romana?***

Há alguns anos, meu marido estava num retiro fora da cidade com muitos dos nossos adolescentes do ensino médio. O homem que normalmente dava a aula da escola dominical dos jovens, à qual pertenciam todos os adolescentes que não iam ao retiro naquele fim de semana, ficou doente. Eu era a única opção disponível. Para mim, tudo bem. Eu amo ensinar, e naquela época eu estava no auge da minha capacidade. Toda semana eu dava não só seis turmas de graduação na Baylor University, mas também ensinava as moças do ensino médio na quarta-feira à noite, além dos alunos de pós-graduação, dos alunos de graduação e dos jovens com quem eu me encontrava como mentora. Ensinar, mesmo de improviso, havia se tornado para mim uma segunda natureza.

Mas os líderes da nossa igreja tinham deixado claro que mulheres não podiam ensinar homens, ponto final. E, para eles, a condição de homem começava aos treze anos. Então tive de ligar para o pastor. Tive de explicar a situação e pedir uma autorização especial para poder substituir um professor homem numa sala cheia de meninos e meninas adolescentes. Depois de uma longa pausa, disseram-me

que tudo bem, desde que eu apenas repassasse as perguntas do sermão da semana anterior e atuasse como moderadora – não como professora. Precisei de toda a minha força de vontade para simplesmente dizer obrigada e desligar.

Tenho certeza de que parte disso era o meu orgulho. Ali estava eu, uma professora com doutorado de uma grande universidade de pesquisa (minha segunda área de especialização é ciências da religião), e me diziam que eu não podia dar aula na escola dominical do ensino médio. Sim, isso feriu o meu orgulho. Mas esse não era o único motivo da minha irritação. Era também porque eu acreditava que o pastor estava errado. ***Eu não podia ensinar porque ele acreditava que Paulo dizia às mulheres que ficassem caladas e não exercessem autoridade sobre homens. E se Paulo nunca disse isso? E se nós, exatamente como no caso dos códigos domésticos, simplesmente entendemos Paulo mal porque esquecemos o seu contexto romano? E se confundimos as refutações de Paulo ao mundo pagão ao seu redor com as próprias palavras de Paulo?***

Porque Paulo não disse às mulheres que ficassem caladas

Por ser historiadora, sei que nas cartas de Paulo há mais do que aquilo que suas palavras dizem. Paulo escrevia a igrejas que conhecia bem. Ele as conhecia. "Essas perguntas não surgem do nada", lembranos Gaventa a respeito de 1 Coríntios. Paulo conhecia as lutas, as pessoas, os encrenqueiros. Não precisamos mergulhar fundo na história para entender os fundamentos da mensagem de Paulo. Podemos reconhecer que dentro da igreja de Corinto havia surgido uma competição sobre o valor dos diferentes dons espirituais (como um exemplo). Talvez não conheçamos detalhes de primeira mão – quem tinha se tornado arrogante e quem preferia a profecia ao falar em línguas –, mas sabemos como Paulo os corrigiu: os dons deles vêm todos do mesmo Espírito, os dons deles funcionam todos dentro do mesmo corpo, e nenhum dos seus dons atua de forma independente. Ouvimos claramente a mensagem de Paulo: no corpo de Cristo somos todos igualmente importantes. A distância de mais de dois mil anos não obscurece o seu significado.

E, no entanto, quando ignoramos o contexto histórico das cartas de Paulo, podemos distorcer o seu significado e transformar seus montinhos de terra em montanhas. Um exemplo excelente é 1 Coríntios 14:33-36: "Como em todas as igrejas dos santos, as mulheres devem ficar caladas nas assembleias, pois não lhes é permitido falar; antes, devem submeter-se, como também diz a lei. Se, porém, querem aprender alguma coisa, perguntem em casa a seus próprios maridos; pois é vergonhoso para uma mulher falar na assembleia. Ou foi de vós que a palavra de Deus saiu? Ou chegou somente a vós?"

Paulo declara que as mulheres devem ficar em silêncio, submeter-se e confiar na autoridade espiritual de seus maridos. Será mesmo? Esta passagem se tornou uma grande montanha para os evangélicos modernos, mais enfatizada do que, na minha opinião, Paulo jamais pretendeu. Ela se tornou um texto fundamental dos ensinos complementaristas. Vejamos como uma compreensão melhor da história romana pode mudar a maneira como interpretamos esta passagem.

No ano 215 a.C., uma Roma derrotada e sem dinheiro aprovou uma nova lei. O pano de fundo era a maior derrota militar de Roma de todos os tempos. Um ano antes, em 2 de agosto, o general cartaginês Aníbal havia aniquilado o exército romano em Canas, na Segunda Guerra Púnica. As fontes relatam que naquele dia morreram entre cinquenta mil e setenta mil soldados romanos. Isso é mais do que em algumas das batalhas mais sangrentas da Segunda Guerra Mundial. O historiador romano Lívio, do século I, exclamou: "Certamente não há outra nação que não tivesse sucumbido sob tal peso de des-

graça." Só que Roma não era como as outras nações (e era exatamente isso que Lívio queria dizer). Roma não sucumbiu. Os romanos apertaram o cinto, formaram um novo exército e seguiram em frente. Roma era a própria encarnação da determinação.

Meus alunos sabem que eu não gosto de história puramente militar. Então, quando começo a contar uma história como essa, eles sabem que logo entrarão mulheres em cena. E elas entram. As medidas de austeridade de Roma levaram a uma repressão dura contra um grupo crescente de mulheres independentes e ricas – as esposas e filhas que se beneficiaram da súbita redução dos tutores masculinos. Roma provavelmente fez isso por duas razões (os historiadores ainda discutem sobre isso). Uma razão foi certamente o esforço de guerra. Roma precisava do dinheiro de todos. Então aprovaram a Lei Ópia. As mulheres não podiam mais se vestir com luxo, andar de carruagem (em Roma), exceto em ocasiões especiais, nem possuir mais de meia onça de ouro. Algumas tiveram até de entregar ao Estado suas heranças do tempo da guerra. Essas mulheres foram incentivadas a gastar mais dinheiro com Roma e menos consigo mesmas.

A segunda razão pela qual Roma provavelmente promulgou a Lei Ópia foi limitar a ostentação pública de riqueza pelas mulheres. Roma estava de luto depois da batalha de Canas. Não era hora de fazer festas e usar vestidos elegantes. Era hora de fechar as escotilhas e lutar até a morte (o que, de modo geral, eles fizeram). Sobretudo, não era hora de mulheres terem mais dinheiro do que os homens. Roma era uma sociedade patriarcal, como já vimos, e as matronas romanas – mulheres casadas que estavam sob a tutela dos maridos – simbolizavam o sucesso da sociedade romana. Mulheres independentes e ricas, livres da direção masculina, não o simbolizavam.

Roma venceu, diga-se de passagem.

Mas, quando a crise passou, a lei que restringia a riqueza das mulheres continuou em vigor, enquanto as leis que restringiam a riqueza dos homens foram revogadas. Por volta de 195 a.C., as mulheres de Roma estavam fartas. Protestaram, bloquearam as ruas e até os caminhos para o Fórum e exigiram a revogação da lei.

Um cônsul, Catão, o Velho, era contra a revogação da lei. Ouça o que ele disse e lembre-se de que Lívio provavelmente registrou o seu discurso durante o reinado de César Augusto (27 a.C. a 14 d.C.):

Em casa, a nossa liberdade é dominada pelo furor feminino; aqui no Fórum, ela é pisoteada, e, como não refreamos as mulheres uma a uma, agora tememos todas juntas. … De fato, corei quando, há pouco, passei pelo meio de um bando de mulheres. … Eu deveria ter dito: "Que comportamento é este? Andar em público, bloquear ruas e falar com os maridos de outras mulheres! Não podíeis ter perguntado a mesma coisa aos vossos próprios maridos em casa? Sois mais encantadoras em público com os maridos alheios do que em casa com os vossos? E, no entanto, nem mesmo em casa vos convém ocupar-vos de quais leis são aprovadas ou revogadas aqui." Nossos antepassados não queriam que as mulheres tratassem de nenhum assunto – nem mesmo particular – sem um tutor; queriam que estivessem sob a autoridade de pais, irmãos ou maridos; nós (que os deuses nos ajudem!) deixamos que até agora aspirem ao governo e se intrometam no Fórum e nas nossas assembleias. O que fazem elas agora nas ruas e nas encruzilhadas, senão persuadir os tribunos a votar pela revogação? … Se agora saírem vitoriosas, o que não tentarão? Assim que começarem a ser vossas iguais, serão vossas superiores.

Lívio registrou esse discurso de Catão em sua História de Roma. Plínio, o Jovem, que escreveu perto do fim do século I, apresenta Lívio como uma celebridade. Lívio era um escritor popular, e sua História

deve ter sido muito conhecida. Como historiadora, portanto, não me surpreende que ecos de Lívio apareçam no Novo Testamento. Ouça mais uma vez 1 Coríntios 14:34-35: "As mulheres fiquem em silêncio nas igrejas. Pois não lhes é permitido falar, mas devem estar submissas, como também diz a lei. Se desejam saber alguma coisa, perguntem em casa a seus maridos. Pois é vergonhoso para uma mulher falar na igreja." Não, não é exatamente palavra por palavra. Mas chega perto. Um eco inequívoco. Em outras palavras: Paulo está bebendo aqui do seu ambiente romano.

O discurso de Catão não é o único texto romano que expressa essa visão das mulheres. O estudioso do Novo Testamento Charles Talbert nos lembra que Juvenal (início do século II d.C.), em sua 6ª Sátira, também condena as mulheres que andam em público e se intrometem nos assuntos de governo dos homens, em vez de ficar em casa. O mundo romano considerava as mulheres subordinadas ao homem. O mundo romano declarava que os homens deviam transmitir as informações às suas mulheres em casa, em vez de as mulheres andarem em público. O mundo romano ordenava às mulheres que ficassem em silêncio nos fóruns públicos.

Paulo era um cidadão romano instruído. Ele devia estar familiarizado com a prática retórica, comum na época, de corrigir uma compreensão errada citando-a e depois refutando-a. Paulo faz isso em 1 Coríntios 6 e 7 com suas citações "tudo me é permitido", "os alimentos são para o estômago, e o estômago para os alimentos" e "é bom para o homem não tocar em mulher". Nesses casos, Paulo cita as opiniões equivocadas do mundo pagão, como "tudo me é permitido". Em seguida, Paulo as modifica profundamente. Paulo devia conhecer as opiniões contemporâneas sobre as mulheres, inclusive as de Lívio, de que as mulheres deviam ficar caladas em público e ser informadas em casa por seus maridos. Não é possível, como argumentou Peppiatt, que Paulo faça em 1 Coríntios 11 e 14 o mesmo que faz em 1 Coríntios 6 e 7? Refutar más práticas citando essas más práticas e depois corrigindo-as? Peppiatt escreve: "As proibições para as mulheres na carta aos Coríntios são exemplos de como os coríntios tratavam as mulheres, de acordo com suas próprias expectativas e valores culturais, contrariando os ensinos de Paulo."

E se Paulo estava tão preocupado com o fato de os cristãos de Corinto imporem às mulheres suas próprias restrições culturais que resolveu confrontá-los com isso? Ele citou a má prática que os homens coríntios queriam trazer do mundo romano para o seu mundo cristão e depois se opôs a ela. A Revised Standard Version (RSV) apoia a suposição de que Paulo fez exatamente isso. Paulo apresenta primeiro as restrições culturais: "Como em todas as igrejas dos santos, também as mulheres devem ficar caladas nas igrejas. Pois não lhes é permitido falar, mas devem submeter-se, como também diz a lei. Se desejam saber alguma coisa, perguntem em casa a seus maridos. Pois é vergonhoso para uma mulher falar na igreja" (1 Coríntios 14:33-35). E então Paulo intervém: "O quê! Foi de vós que a palavra de Deus saiu, ou sois os únicos a quem ela chegou? Se alguém pensa ser profeta ou cheio do Espírito, reconheça que aquilo que vos escrevo é mandamento do Senhor. Se alguém não reconhece isso, ele mesmo não é reconhecido. Portanto, meus irmãos, buscai com zelo o profetizar e não proibais o falar em línguas; mas tudo seja feito com decência e ordem" (versículos 36-40).

Faço isso muitas vezes como exercício em sala de aula. Peço a um aluno que leia de sua própria tradução, normalmente a ESV ou a NIV. Depois leio em voz alta a RSV, enfatizando as palavras de acordo. Quando então exclamo: "O quê! Foi de vós que a palavra de Deus saiu?", em geral ouço a turma inteira prender a respiração. Uma vez, uma aluna exclamou em voz alta: "Dra. Barr! Isso muda tudo!" Sim, eu lhe disse, é verdade.

Se 1 Coríntios 14:34-35 for lido como uma citação que representa uma prática coríntia (como argumentaram D. W. Odell-Scott em 1983, Charles Talbert em 1987 [nota do tradutor: também Thomas Schirrmacher em 1991, e Katharine Bushnell já há 100 anos] e, mais recentemente, Peppiatt), a intenção de Paulo parece clara: distinguir o que os coríntios faziam ("as mulheres fiquem caladas") e deixar claro que os cristãos não deviam seguir a prática coríntia ("O quê!"). Embora eu não possa garantir que foi isso que Paulo fez, isso faz muito sentido (historicamente). A primeira carta aos Coríntios já contém várias citações não paulinas, e a redação dos versículos 34-35 é notavelmente próxima de fontes romanas. Marg Mowczko observa: "A visão de que 14:34-35 é uma citação não paulina é uma das poucas que oferecem uma explicação plausível para a mudança abrupta de tom que os versículos 34-35 trazem ao texto, bem como para a subsequente mudança abrupta de tema, de tom e de gênero no versículo 36". Se Paulo de fato cita a cosmovisão romana para contrapor-lhe a cosmovisão cristã, então o que ele quer dizer é exatamente o contrário do que se ensinou às mulheres evangélicas.

Será que Paulo, em vez de dizer às mulheres que ficassem caladas, como fazia o mundo romano, queria na verdade dizer aos homens que, no mundo de Jesus, as mulheres podiam falar? Será que (mais uma vez) deixamos passar aquilo aonde Paulo queria chegar? Em vez de levar a sério a sua repreensão e permitir que as mulheres falem, continuamos justamente as práticas patriarcais que Paulo condenou?

Como historiadora, é difícil para mim ignorar quão semelhantes são as palavras de Paulo ao mundo greco-romano em que ele vive. Mas, mesmo que eu esteja errada e Paulo apenas recorra a fontes romanas, em vez de citá-las deliberadamente com o propósito de refutá-las, eu continuaria argumentando que as instruções que Paulo deu às mulheres coríntias se limitam ao seu contexto histórico. Por quê? Porque a ausência de contradição é uma virtude da boa interpretação (isto é, a concordância entre as afirmações de todo o capítulo, de toda a carta e de todo o Novo Testamento). Paulo não emite um decreto geral de que as mulheres devem ficar caladas; ele permite que as mulheres falem em todas as suas cartas (1 Coríntios 11:1-6 é um bom exemplo disso). Paulo não restringe a liderança das mulheres; ele mesmo nos diz que mulheres lideravam na igreja primitiva e que ele apoia os seus ministérios (tratarei de Romanos 16 na próxima seção). Estabelecer uma hierarquia rígida de gênero simplesmente não é a preocupação de Paulo. Como Beverly Roberts Gaventa nos lembra, a respeito de uma passagem anterior de 1 Coríntios (12:1-7), o "chamado ao serviço" de Paulo "não é restrito por gênero, de modo que argumentos sobre complementaridade não encontram aqui nenhuma base". ***Ao insistirem que Paulo ordenou às mulheres que ficassem caladas, os evangélicos capitularam mais uma vez diante da cultura patriarcal. Em vez de jogar Aristóteles ao mar (como Rachel Held Evans certa vez nos encorajou a fazer), jogamos ao mar a liberdade em Cristo que Paulo tanto procurou nos dar.***

Porque as mulheres bíblicas em Paulo não seguem a nossa imagem bíblica da mulher

Foram as mulheres de Paulo em Romanos 16 que finalmente me fizeram mudar de ideia.

Ainda me lembro do domingo em que a ficha caiu. Eu estava abalada depois do sermão. Tão abalada que fui lavar a louça. A água corrente acalmava o meu ânimo enquanto eu esfregava os pratos do almoço. Meu marido sabia que algo não estava bem (lavar a louça era um indício inequívoco). Ele entrou na cozinha. Não disse uma palavra. Por fim, eu falei. "Eu não acredito que o homem seja a cabeça." Ele se encostou na bancada. Eu não conseguia olhar para ele. Passou-se mais algum tempo, e então ele

perguntou: “Você não acredita que os homens são chamados a ser os líderes espirituais do lar?” Balancei a cabeça. “Não.” Ele ficou ali parado mais um minuto e então disse simplesmente “Está bem” e saiu. Eu sabia que ele não concordava comigo nesse ponto – ele havia crescido numa igreja complementarista e frequentado um seminário complementarista. Ainda assim, estava disposto a ouvir e a considerar outra perspectiva teológica. Sou eternamente grata pela confiança que ele depositou em mim naquele dia.

Na verdade, não foi o sermão que fez transbordar o copo, embora eu me lembre de que tratava da liderança masculina. O que fez o copo transbordar foi uma aula que eu tinha dado pouco antes no meu curso sobre a história das mulheres. Falávamos das mulheres na igreja primitiva, enquanto avançávamos cronologicamente do mundo antigo até a Idade Média. Por um impulso, pedi a um dos alunos que abrisse a sua Bíblia e lesse Romanos 16 em voz alta (numa universidade cristã, sempre posso contar com pelo menos um aluno com uma Bíblia na mão). Pedi à turma que escutasse e anotasse cada nome feminino que ouvisse.

Foi um momento pedagógico marcante – para os alunos e para mim. Eu sabia que mulheres enchiam esses versículos, mas nunca tinha ouvido os seus nomes lidos em voz alta, um após o outro.

Febe, a diaconisa que levou a carta de Paulo e a leu em voz alta em sua igreja doméstica.

Prisca (Priscila), cujo nome é mencionado antes do de seu marido (algo bastante notável no mundo romano), como cooperadora de Paulo.

Maria, uma trabalhadora enérgica pelo evangelho na Ásia.

Júnia, notável entre os apóstolos.

Trifena e Trifosa, companheiras de luta de Paulo no Senhor.

A amada Pérside, que também trabalhava com afinco para o Senhor.

A mãe de Rufo, Júlia e a irmã de Nereu.

Dez mulheres são honradas por Paulo.

Sete mulheres são destacadas por seu ministério: Febe, Priscila, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa e Pérside. Uma mulher, Febe, é chamada de diaconisa. Kevin Madigan e Carolyn Osiek escrevem que Febe “é a única diaconisa de uma igreja do século I cujo nome conhecemos”. Outra mulher, Júnia, não é identificada simplesmente como apóstola, mas como alguém que se destaca entre os apóstolos.

Vocês sabiam, perguntei aos meus alunos, que em Romanos 16 mais mulheres do que homens são identificadas por sua função? Ficamos ali sentados, olhando os nomes dessas mulheres. “Por quê?”, interveio de repente uma aluna, tão absorta na aula que nem levantou a mão. “Por que eu não percebi isso antes?” Provavelmente porque a tradução inglesa da Bíblia que você usa apaga a atuação das mulheres, eu lhe disse, e comecei mais uma explicação.

Eu me ouvia enquanto dava aula naquele dia. Eu me ouvia apresentando evidências de como as traduções inglesas da Bíblia encobrem o papel de liderança das mulheres na igreja primitiva. Eu me ouvia percorrendo com a turma diferentes traduções de Romanos 16.

Tome, por exemplo, a Ryrie Study Bible, publicada em 1986 pela Moody Press (disponível também em tradução alemã). Meu avô tinha essa Bíblia, e o exemplar dele está na minha estante. Em vez de reconhecer Febe como diaconisa, ela traduz sua função por “serva”. Ouça a nota de estudo: “A palavra aqui

traduzida por 'serva' é muitas vezes traduzida por 'diaconisa', o que leva alguns a supor que Febe era uma diaconisa. É mais provável, porém, que a palavra seja usada aqui no sentido não oficial de ajudante." "Vocês perceberam isso?", perguntei aos meus alunos. Não se apresenta nenhuma evidência de por que o papel de Febe deveria ser traduzido por "serva" e não por "diaconisa". Não se apresenta nenhuma evidência de por que a palavra seria usada antes no "sentido não oficial de ajudante". Podemos adivinhar a razão da escolha da tradução: é porque Febe era mulher, e por isso se supõe que ela não pode ter sido diácono. Se a expressão "um diácono da igreja em Cencreia" viesse depois de um nome masculino, duvido seriamente que o significado de "diácono" tivesse sido alguma vez questionado.

Enquanto eu ensinava, pensava na minha própria igreja. Em como as mulheres raramente apareciam no palco, a não ser para cantar ou tocar um instrumento. Pensava em como as mulheres dirigiam o nosso ministério infantil e os homens o trabalho com os adultos. Pensava na vez em que me pediram para dar aula numa classe de escola dominical de adultos e o pastor veio examinar o meu material. Como eu só ensinava sobre história da igreja, ele me deixou fazer isso. Se eu tivesse tratado do texto bíblico, porém, teria sido outra história.

Lembro-me de que me senti uma hipócrita, de pé diante da minha sala de aula na faculdade.

Ali estava eu, conduzindo meus alunos por evidências históricas convincentes de que o problema com mulheres na liderança não era Paulo; o problema era como entendemos mal e obscurecemos Paulo. Ali estava eu, mostrando aos meus alunos como mulheres na igreja primitiva realmente lideravam e ensinavam, até como diaconisas e apóstolas. Júnia, eu lhes mostrava, foi considerada apóstola quase até a era moderna, quando se começou a traduzir o seu nome por um nome masculino: Júnias. O estudioso do Novo Testamento Eldon Jay Epp compilou duas tabelas que abrangem os Novos Testamentos gregos de Erasmo até o século XX. Juntas, as tabelas mostram que o nome grego Júnia foi traduzido quase sempre em sua forma feminina até o século XX, quando o nome de repente começou a ser traduzido como o masculino Júnias. Por quê? Gaventa explica: "Epp deixa claro, de modo doloroso e perturbador, que um fator importante no tratamento de Romanos 16:7 no século XX foi a suposição de que uma mulher não podia ser apóstolo." Júnia se tornou Júnias porque os cristãos modernos supunham que só um homem podia ser apóstolo. Como historiadora, eu sabia por que as mulheres das cartas de Paulo não correspondiam às chamadas restrições que os líderes de igreja de hoje impõem às mulheres. Eu sabia que era porque lemos Paulo de forma errada. Paulo não é inconsistente em seu trato com as mulheres; nós o tornamos inconsistente por nossa interpretação. Como Romanos 16 deixa claro, a realidade é que as mulheres bíblicas contradizem as concepções modernas da imagem bíblica da mulher.

Eu sabia tudo isso. Mesmo assim, não contradisse os líderes da minha igreja quando afirmavam que, entre nós, mulheres não podiam ensinar meninos com mais de treze anos. Eu continuava em silêncio.

Continuei com a minha aula. A realidade histórica é a mesma no caso de Febe, eu disse aos meus alunos. Paulo a chama de diaconisa. Ninguém contesta o texto – só se pode contestar o significado do texto. Febe foi reconhecida pelos primeiros pais da igreja tanto como mulher quanto como diaconisa. Orígenes, por exemplo, escreveu no início do século III que o título de Febe prova "com autoridade apostólica" "que também mulheres são chamadas ao ministério da igreja, ofício no qual Febe foi colocada na igreja que está em Cencreia. Paulo chega a enumerar, com grande louvor e reconhecimento, as suas grandes obras". Embora certamente possamos questionar o que Orígenes queria dizer com o "ministério da igreja", está claro que Orígenes aceitava o papel confiado a Febe. Um século depois,

João Crisóstomo, o pregador da "boca de ouro", escreveu sobre a grande honra que foi para Febe ser mencionada "antes de todos os outros", ser chamada de "irmã" e ser distinguida como "diaconisa". "Tanto homens como mulheres", conclui Crisóstomo, deveriam "imitar" Febe como "santa". Em seu sermão sobre 1 Timóteo 3:11, Crisóstomo deixa claro que entende as mulheres como diáconos tanto quanto os homens. Ele escreve: "Da mesma forma, as mulheres devem ser modestas, não caluniadoras, sóbrias, fiéis em tudo. Alguns dizem que [Paulo] está falando das mulheres em geral. Mas isso não pode ser. Por que ele quereria inserir, no meio do que está dizendo, algo sobre as mulheres? Antes, ele está falando das mulheres que ocupam a posição de diácono. 'Os diáconos sejam maridos de uma só mulher.' Isso é adequado também para as diaconisas, pois é necessário, bom e correto, sobretudo na igreja."

Se essa compreensão aberta da liderança feminina por parte de um presbítero e diácono do século IV surpreende você, os historiadores da igreja Madigan e Osiek nos lembram que não deveria: "Nas igrejas de João em Antioquia e Constantinopla", escrevem eles, "as mulheres diáconos ou diaconisas eram bem conhecidas". Descrever Febe como diaconisa não era nada estranho para Crisóstomo, pois alguns de seus bons amigos do século IV eram diaconisas. De fato, Madigan e Osiek encontraram 107 referências (epigráficas e literárias) a diaconisas na igreja primitiva.

Naturalmente, eu disse aos meus alunos, nem todos na igreja primitiva apoiavam mulheres em posições de liderança. O ofício de presbítero é um testemunho claro de como preconceitos patriarcais do mundo antigo já haviam se infiltrado no cristianismo. Você se lembra de como Aristóteles considerava o corpo feminino monstruoso e deformado? Os líderes da igreja importaram essas ideias para as decisões de seus concílios e declararam já no século V que os corpos femininos eram inadequados para a liderança. Como escrevem Madigan e Osiek, "a pureza cultual é associada aos homens, a impureza às mulheres. Esse foi o maior argumento contra mulheres presbíteras". Até o século VI, quando a igreja se espalhou pela paisagem europeia e substituiu as antigas sedes seculares do poder romano pelos ofícios sagrados do bispo e do sacerdote, também as mulheres estavam em movimento – só que de volta ao seu lugar anterior, sob a autoridade dos homens.

"Dra. Barr, por que não nos ensinam isso na igreja?"

Olhei para a aluna, e meu coração se apertou. A maioria das pessoas simplesmente não sabe, eu disse. Os livros didáticos dos seminários muitas vezes são escritos por pastores – não por historiadores (e muito menos por historiadoras). A maioria das pessoas que frequentam igrejas complementaristas não sabe que a tradução da ESV de Júnia como "bem conhecida dos apóstolos", em vez de "notável entre os apóstolos", foi uma jogada deliberada para manter as mulheres fora da liderança (Romanos 16:7). As pessoas acreditam que as mulheres na igreja primitiva eram excluídas da liderança, assim como são excluídas da liderança na igreja moderna. A igreja ensina o que considera verdadeiro.

Essas foram as coisas que eu disse em voz alta.

O que eu não disse – e o que me trouxe lágrimas aos olhos quando, naquele dia, eu estava diante da minha pia – é que eu conhecia a verdade. Eu conhecia a verdade, e mesmo assim ficava calada na minha igreja. Ficava calada porque tinha medo de que meu marido perdesse o emprego. Tinha medo de perder nossos amigos. Tinha medo de perder o nosso ministério.

O complementarismo recompensa as mulheres que seguem as regras. Ficando calada, eu contribuía para que meu marido pudesse continuar sendo um líder. Ficando calada, eu podia exercer certa in-

fluência. Ficando calada, eu mantinha a amizade e a confiança das mulheres ao meu redor. Ficando calada, eu mantinha uma vida confortável.

Mas eu conhecia a verdade sobre as mulheres de Paulo. Eu conhecia a realidade de que mulheres elogiadas na Bíblia - como Febe, Priscila e Júnia - questionam os limites da moderna imagem bíblica da mulher. Como historiadora, eu sabia que as mulheres da minha própria igreja eram mantidas longe dos papéis de liderança porque o patriarcado romano havia se infiltrado de novo na igreja primitiva. Em vez de abandonar a Roma pagã e abraçar Jesus, tínhamos feito o contrário – abandonado a liberdade de Cristo e adotado a opressão do mundo antigo.

Fechei a torneira da pia e empilhei a louça.

Era hora de eu não ficar mais calada.

Notas

1. No mundo de língua inglesa, o complementarismo significa a complementaridade entre homem e mulher, porém dentro de uma ordem hierárquica na qual o homem lidera e a mulher segue, ou seja, a mulher não está apenas coordenada, mas subordinada ao homem, como consequência ou expressão da ordem da criação. Beth Barr e o tradutor defendem, com muitos outros cristãos, a complementaridade mútua entre homem e mulher sem subordinação ou supraordenação hierárquica.
2. Lutero chamou esses textos, que regulavam a vida na casa e entre as pessoas, de “Haustafeln” (literalmente “tábuas da casa”; em português, “códigos domésticos”).
3. Assim também em muitas traduções alemãs.